

O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

RESOLUÇÃO DO COMITÉ CENTRAL SOBRE O TRABALHO SINDICAL

Realizou-se recentemente uma reunião de alguns membros das Direcções Regionais do Partido para discutir o trabalho sindical. Na base de algumas das conclusões e recomendações dessa reunião, o Comité Central aprovou a seguinte Resolução:

1—A luta junto dos Sindicatos Nacionais pelas reivindicações operárias permite unir e mobilizar grandes massas trabalhadoras e leva-as à conquista de algumas dessas reivindicações, educando-as no sentido da sua organização e na melhor compreensão da sua força. A acção junto dos Sindicatos Nacionais é um factor muito importante para o fortalecimento da unidade da classe operária, para o reforçamento do seu papel na luta contra a ditadura fascista, na luta pela Democracia e pela Paz.

2—No entanto a amplitude, a força e o nível de organização do trabalho sindical são muito baixos. Os trabalhadores recorrem com frequência aos sindicatos para apoiar a sua luta económica, lutam aqui e ali pela eleição de direcções honestas, mas a falta de organização, a falta de continuidade e a falta de perspectivas revolucionárias limitam muito as possibilidades dessas acções.

3—A dispersão das lutas económicas, a falta, em geral, duma direcção e organização capaz dessas lutas, a inexistência dum movimento grevista que as actuais condições económicas, sociais e políticas do nosso país exigem e tornam possível, estão directamente relacionadas com o baixo nível do trabalho sindical.

4—Para elevar a acção sindical das massas trabalhadoras:

É necessário vencer as incompreensões que subsistem em relação ao trabalho junto dos Sindicatos Nacionais, impostos pelo fascismo.

É necessário organizar a luta sindical e ligá-la estreitamente à luta reivindicativa na empresa.

É necessário lutar incansavelmente para colocar à frente dos Sindicatos trabalhadores honestos e interessados na defesa das reivindicações da classe.

É necessário fazer da actividade sindical um aspecto importante da luta geral das classes trabalhadoras contra a exploração e a opressão, contra o

regime fascista de Salazar.

Em suma, é necessário organizar uma campanha sistemática de esclarecimento, de organização e de acção sindical que retome e popularize a palavra de ordem: « Todos os trabalhadores aos sindicatos ».

5—Para levar por diante essa campanha, impõe-se, antes de mais:

a) uma discussão contínua, em toda a organização, dos problemas da unidade e da luta da classe operária, tendo sempre presente o papel que nelas desempenha a actividade sindical.

b) uma acção persistente de esclarecimento, através do «Avante!», de «O Militante!», de manifestos, de tarjetas e de folhetos que, noticiando as lutas sindicais, divulgando as experiências do passado e do presente e pondo no seu devido pé a importância do trabalho junto dos Sindicatos, combata as incompreensões existentes, critique as deficiências e conduza as massas para um forte movimento sindical.

c) o estabelecimento, por cada sector, dum plano de acção sindical assente num conhecimento exacto dos sindicatos e secções sindicais existentes (ou que possam ser criados), da massa sindical, das empresas em que esta se concentra, da situação interna de cada sindicato, da experiência da luta, de forma a permitir escolher a direcção do esforço principal que deverá orientar-se para os sindicatos mais importantes.

d) a concretização das medidas orgânicas mais adequadas para levar por diante os planos estabelecidos.

6—Embora tendo em conta que a actividade nos Sindicatos Nacionais não se pode limitar aos períodos eleitorais, neste momento importa dirigir o peso do nosso esforço na actividade sindical para as eleições que se aproximam. Como medidas imediatas impõe-se:

a) conhecer os sindicatos onde se vão dar eleições (não esperando de modo algum pela notícia da convocação da Assembleia Geral) e ver em quais temos possibilidades imediatas de influenciar, concentrando aí os nossos esforços.



b) divulgar em larga escala as normas legais que regem as eleições e as experiências de eleições sindicais anteriores.

c) fomentar reuniões de trabalhadores do mesmo ramo sindical para a discussão das eleições, formação de comissões e elaboração de listas de ampla unidade compostas por trabalhadores honrados e combativos.

d) procurar que a apresentação das listas às eleições seja ligada à condução de lutas reivindicativas e que as listas se apoiem num caderno reivindicativo.

e) popularizar amplamente as listas apresentadas e os seus objectivos de modo a mobilizar as massas trabalhadoras para a ida à Assembleia Geral votar nessas listas.

f) combater consequentemente as burlas, falsificações e intimidações de que os dirigentes fascistas, I.N.T.P. e patronato costumam deitar mão.

g) impôr, pela acção das massas, o respeito pela vontade da Assembleia se ela decorreu com um mínimo de seriedade, lutando pela sanção da direcção eleita.

8—A criação de comissões sindicais é o alicerce de toda a actividade sindical de massas. A quase inexistência actual de comissões sindicais está ligada à falta de vida política do Partido dentro das empresas. É necessário discutir e ajudar à criação de comissões sindicais, tendo em conta que elas só podem subsistir e realizar a sua missão desde que se constituam abertamente e actuem em ligação com a classe, não se deixando ilegalizar. Devemos esforçar-nos porque as comissões sindicais sejam

permanentes e encabeçam a defesa diária dos interesses dos trabalhadores junto dos sindicatos, fomentem a inscrição em massa dos contribuintes, etc.

9—É necessário evitar que continuem a ficar abandonadas as direcções honestas que os trabalhadores conseguem eleger. O aparelho do Estado, que tudo faz para impôr direcções suas, vigia, controla e corrompe as direcções sindicais e é hoje mais perfeito do que nunca (empregados fixos nas direcções, cursos de formação corporativa, colóquios, cargos e facilidades, etc.). Só a presença activa das massas trabalhadoras junto dos sindicatos pode contrabalançar esta acção e levar as direcções a defender os interesses dos trabalhadores. É também necessário respeitar cuidadosamente as medidas anteriormente aprovadas sobre a assistência política aos militantes e simpatizantes do Partido com cargos sindicais.

10—As reivindicações básicas imediatas da classe operária que constituem um verdadeiro programa de acção dos trabalhadores junto dos Sindicatos Nacionais devem ser:

- 1) revisão geral dos contratos colectivos de trabalho,
- 2) — aumento geral de salários,
- 3) — garantia de trabalho,
- 4) — a trabalho igual, igual salário,
- 5) — respeito pelo horário de trabalho e pagamento com o aumento das horas extraordinárias,
- 6) — segurança e higiene no trabalho,
- 7) — garantia das férias pagas estabelecidas nos CCT.
- 8) — Aplicação das verbas das Caixas de Previdência na melhoria e aumento de toda a assistência.

AS MANIFESTAÇÕES POPULARES e as perspectivas do nosso movimento

Um passo em frente

As manifestações populares de 11 e 14 de Novembro do ano passado em Almada, do 31 de Janeiro e do 8 de Março no Porto, do 1.º e 8 de Maio em Lisboa e ainda as de Coimbra, de Setúbal e outras terras, marcam um passo em frente no movimento anti-fascista nacional. Elas deram consciência colectiva ao país da época revolucionária em que o povo português está a entrar, uma época que nos conduzirá ao levantamento nacional através de choques cada vez mais agudos e mais amplos com o aparelho repressivo fascista.

Isto não pode deixar de ser assim porque a política reaccionária que a grande burguesia ligada ao imperialismo há 30 anos impõe pela violência ao país conduz inevitavelmente a uma das maiores crises revolucionárias até hoje vividas em Portugal: a luta de todo o povo pela liberdade, a luta armada

dos povos das colónias pelo direito à independência, a luta da classe operária contra a exploração, a luta dos soldados e das massas populares pelo fim da guerra, a luta dos camponeses contra a expolição a que estão sujeitos — todas estas lutas se agudizam e se combinam para destruir a ditadura salazarista.

As manifestações tornaram-se possíveis pela correcção que o Partido fez do desvio direitista em que caíra no período 1956-59. Desde a luta do ano passado em torno das « eleições » fascistas, tornou-se evidente como as massas davam um caloroso acolhimento à justa orientação do Partido. Nas fileiras do Partido desenvolveu-se uma nova consciência da sua independência e iniciativa política face às outras forças da oposição: retemperou-se a confiança do Partido nas suas imensas possibilidades como partido revolucionário que exprime os anseios da classe operária e das mais largas massas populares.

Actualmente, nas fileiras do Partido e também nas fileiras do movimento anti-fascista procura-se assimilar a experiência das últimas manifestações; o movimento popular procura o caminho que o conduza a uma fase superior. O Partido tem que responder às dúvidas e perguntas que surgem de todos os lados. Para isso é necessária uma análise séria a cada experiência de luta, de modo a que o Partido faça a verificação permanente da sua linha, e a vá completando e aperfeiçoando. Neste artigo, abordamos alguns problemas actuais levantados pelas últimas manifestações populares.

Reforcemos a unidade da classe operária

A classe operária de Lisboa deu no 1.º de Maio uma prova de coesão e combatividade como não verificávamos há vários anos. A firmeza com que os trabalhadores acorreram às manifestações em outras cidades e a combatividade que demonstraram deram uma ideia das possibilidades enormes da unidade e da acção das massas trabalhadoras e da sua influência na luta do nosso povo. Mas é necessário analisar a situação não vendo só os seus aspectos positivos, que os houve e muito importantes.

Ao analisar, por exemplo, a jornada do 1.º de Maio em Lisboa, é necessário dizer que o Partido não encarou só a manifestação no centro da cidade; às células de empresa foi levada a palavra de ordem «Que o trabalho paralise e se façam concentrações junto da gerência para apresentar as reivindicações do pessoal». Como sabemos, apesar da intensa agitação que fizemos desta palavra de ordem, apesar da boa aceitação que ela encontrou nas grandes empresas, as paralisações e concentrações não tiveram lugar.

Quando esta questão foi discutida com as nossas células de empresa, os camaradas responderam-nos: «Nas empresas não era possível, não havia unidade suficiente, se fossem uns não iam os outros».

Será isto um caso isolado? Sabemos bem que não. O descontentamento, a indignação, o espírito de luta da classe operária estão a levá-la a lançar-se diariamente na luta contra a exploração, por vezes com grande energia; mas a sua insuficiente organização, a falta de comissões de unidade e de juntas, o deficiente aproveitamento dos sindicatos, impedem essas lutas de se generalizarem e de tomarem a amplitude que as condições objectivas permitiriam. E como se manifesta a unidade da classe operária senão na sua capacidade de se organizar para a luta?

A onda de revolta que percorre a nossa classe operária dá-nos esplêndidas condições para elevarmos a sua organização para a luta, para elevarmos a sua consciência. Reforçar a unidade da classe operária dentro de cada empresa, num trabalho paciente, tenaz, corajoso, com espírito revolucionário, é a tarefa política essencial dos comunistas na hora

actual.

Mas para que ela seja levada a cabo com êxito é necessário vencer as incompreensões políticas que atingem em certa medida o próprio Partido.

O aventureirismo político — incompreensão que é necessário combater

As manifestações constituíram um grande êxito do nosso Partido e do movimento anti-salazarista. Elas permitiram às massas e às organizações do Partido e anti-fascistas compreender melhor o seu papel na revolução, experimentar as suas forças e prepará-las para novas lutas mais amplas e mais grandiosas.

Mas elas criam também ilusões e incompreensões nos elementos mais atrasados e com menor esclarecimento revolucionário. Por isso, ao mesmo tempo que mostramos o seu valor para a nossa luta temos igualmente de combater tais incompreensões e ilusões.

As manifestações populares só foram possíveis na base de muitas e muitas pequenas lutas que deram experiência, fortaleceram a organização, estreitaram a unidade das massas. Por vezes essas pequenas lutas parece não terem quaisquer resultados e dão lugar a que elementos mais impacientes defendam que se deveria logo ir para as grandes lutas, sem procurarem saber se para elas existem as condições e o ambiente necessário.

Também em relação às grandes manifestações populares há quem conclua que delas nada resulta porque não vêm imediatamente a vitória; surgem então os aventureiros e impacientes a dizer que «manifestação só por manifestação não interessa», que é preciso passar a «outras coisas mais decisivas», sem quererem tomar em conta as condições concretas.

Tais ideias são o produto da ânsia enorme que a massa do nosso povo sente por ver o fim do salazarismo, mas são também o produto duma profunda incompreensão sobre o movimento de massas e o seu necessário desenvolvimento.

A não haver um combate firme e constante a tais incompreensões, às ideias de «isto agora já não pára», etc., que surgem nos momentos de maior entusiasmo, sucedem-se ou o pessimismo e a inacção ou planos aventureiros daqueles que sonham com golpes armados fora de toda a realidade.

A não haver um combate firme e constante a tais incompreensões elas podem avassalar largas massas de trabalhadores e atingir as organizações do Partido.

Como seu resultado, o trabalho de organização e o trabalho político entre as massas, em vez de serem intensificados, aproveitando as condições favoráveis, baixam de nível. Como seu resultado é vulgar ouvir-se depois aos responsáveis por essa baixa de nível protestos contra o facto de, apesar das lutas a organização não se reforçar, como se a organização se reforçasse por si e não por um intenso trabalho orgânico que exige uma justa compreensão da sua necessidade.

A análise à actividade do Partido nos últimos meses mostra que ideias e orientações de tipo aventureiro penetraram mesmo em organismos de direcção. Isso verificou-se por exemplo, quando a Direcção Regional do Norte apelou para manifestações em série, não hesitando em dar palavras de ordem precisas a mais de dois meses de distância e para vastas regiões do país; quando a Direcção Regional de Lisboa popularizou a ideia de que no 28 de Maio o povo iria a S. Bento «buscar Salazar ao côvil»; quando vários organismos regionais fizeram intensa agitação por milhares de tarjetas para uma greve geral no 1.º de Maio, sem cuidar de apreciar as condições e o ambiente de cada localidade e de cada empresa; etc.

Intensifiquemos as lutas parciais de todos os tipos

Mas para eliminar as incompreensões existentes sobre o justo caminho que temos de percorrer, não basta esclarecer pela discussão, pelo convencimento teórico. Pela acção e fundamentalmente pela acção seremos capazes não só de eliminar as dificuldades que existem como unir, organizar e mobilizar as massas.

Temos que nos voltar decididamente para as empresas e encaminhar a massa trabalhadora para a luta pelas suas reivindicações. Assim forjaremos a unidade da classe operária e preparamo-la para acções mais largas e importantes.

Temos de procurar elevar as lutas económicas dos trabalhadores, industriais ou agrícolas, para amplas acções que abranjam muitos milhares e sectores importantes do país.

Mas temos também que nos voltar para outras classes, para os camponeses em primeiro lugar, ajudando-os a unirem-se e lutarem contra a ruína que, a pouco e pouco, os esmaga, para os bravos estudantes que têm demonstrado um alto sentido patriótico e revolucionário, para os intelectuais, para a pequena e média burguesia urbana, vítima da rapacidade do fascismo.

Além disso, e dando-lhe a grande importância que agora tem, temos que nos voltar para a nossa juventude que é chamada às forças armadas e que é levada para as colónias para combater povos que lutam, como nós, pela liberdade. O esclarecimento, a unidade, organização e acção dos soldados portugueses deve ser uma preocupação viva das nossas organizações.

Temos igualmente de intensificar a luta contra a repressão, contra a vida cara, pela Liberdade e pela Paz.

Só pela intensificação das lutas parciais de todos os tipos prepararemos as condições para novas manifestações populares e para as grandes acções que levem ao derrubamento do salazarismo.

Alarguemos a organização do Partido. Ajudemos a criar uma forte organização anti-salazarista

Ali onde as incompreensões políticas foram combatidas e ultrapassadas, a organização do Partido progride, estrutura-se, fortalece-se.

O mesmo não sucede em alguns sectores em que tais incompreensões mais germinam e atingem as fileiras do nosso Partido. Aí o recrutamento para o Partido não corresponde nem de longe às possibilidades que se abrem. Aí as fileiras do Partido não registam os progressos de estruturação e vitalidade que as últimas lutas faziam prever.

O problema da organização é uma questão central para podermos caminhar para as grandes acções. Só porque em Lisboa se tinham dado alguns passos positivos na organização do Comité Local é que foi possível, com a contribuição das organizações de jovens, ir para as grandes manifestações de 1 e 8 de Maio. Após as ricas experiências de Maio, afirmar-se que não vale a pena o trabalho de organização é ver as coisas de pernas para o ar, é defender uma orientação que condena precisamente aquilo que dá a força à classe operária, às massas trabalhadoras, ao nosso povo.

Só alargando e estruturando o Partido, só fortalecendo, a nossa organização, poderemos desempenhar o papel que a época actual nos impõe como um dever.

Ao mesmo tempo, só se o nosso Partido fizer um esforço intenso no sentido de ajudar a constituição de Juntas Patrióticas nas empresas, nas escolas e nos quartéis, nas cidades, vilas e aldeias, por todo o lado, poderemos contribuir decisivamente para uma unidade de acção ampla que englobe grandes massas do nosso povo e se torne capaz de caminhar firmemente para o derrubamento do salazarismo, para a conquista da liberdade política.

O nosso Partido tem grandes responsabilidades na tarefa da condução do nosso povo ao levantamento nacional. O agravamento da crise do salazarismo e a perspectiva de novas lutas de grande envergadura não fazem senão tornar maiores essas responsabilidades.

O Partido precisa de ser elevado a uma compreensão revolucionária das suas tarefas e libertar-se do baixo nível político que está impedindo algumas das suas organizações de exercerem um trabalho de direcção política da classe operária e das massas.

O Partido precisa de encabeçar decididamente novas lutas parciais, que mobilizem os trabalhadores e outras classes, de modo a prepará-los para acções cada vez mais firmes e potentes.

O Partido precisa de fazer um intenso esforço para reforçar a sua própria organização, assim como todo o movimento anti-salazarista.

Esse é o nosso dever para com o nosso povo e para com a nossa época.

A coragem dos comunistas portugueses

ÁLVARO CUNHAL

(extractos de um artigo publicado na «REVISTA INTERNACIONAL»,
publicação teórica e de informação dos Partidos Comunistas e Operários)

A prisão, as torturas, o julgamento em tribunais especiais, os longos anos de reclusão, são acontecimentos correntes na vida dos comunistas portugueses, dado que o Partido conta 36 anos de ininterrupta e completa clandestinidade nas condições duma ditadura fascista. Muitos milhares de membros do Partido têm tido essa experiência pessoal. Aqueles que a não tiveram ainda, têm de preparar-se para ela.

Ao comunista que é preso apresentam-se três «momentos» principais em que é chamado a dar provas a sua ténpera de revolucionário: a conduta ante a polícia, a conduta ante o tribunal, a conduta na prisão.

O Partido ensina ao comunista: Quaisquer que sejam as torturas a que é submetido, mesmo se fores torturado até à morte, como o foram Militão, membro do Secretariado do CC, José Moreira, G. Vidigal e muitos outros, deves recusar-te a dar à polícia quaisquer informações acerca da tua actividade política, acerca do Partido e mesmo qualquer informação que possa ser utilizada pelo inimigo para fazer dano à causa da libertação do nosso povo. Por vezes as mais «inocentes» declarações podem trazer prejuízos. Por princípio, um comunista não tem quaisquer conversas com a polícia. Nas condições de clandestinidade, a conduta ante a polícia é uma prova decisiva na vida dum comunista, um «exame» da sua firmeza e dedicação.

Os tribunais fascistas tornam a «justiça» uma trágica mascarada em que a firmeza revolucionária custa inevitavelmente um agravamento da pena. Ante os tribunais, os nossos camaradas não «esclarecem» a matéria da acusação, não estabelecem uma mesquinha polémica sobre os motivos da acusação. Eles não se defendem a si, mas à política do Partido.

Nas prisões fascistas impera um regime cruel. Muitos comunistas têm passado nas prisões 10, 20 anos e mais. Tão pouco essa prova vence a sua vontade de luta. Na prisão, o comunista continua a sua luta de cabeça erguida. A longa série de fugas corajosas das prisões de Salazar, de comunistas que imediatamente retomam a actividade clandestina, é o melhor atestado do seu elevado espírito revolucionário.

A atitude nos tribunais fascistas é pois apenas um aspecto de toda a conduta do comunista quando cai nas mãos do inimigo. Os juízes fascistas, tal como a polícia e os carcereiros, são instrumentos do governo dos monopólios e latifundiários que condena o povo à miséria, que o priva das liberdades mais elementares, que entrega a nação portuguesa aos imperialistas, que explora, oprime e massacra os povos coloniais. Com os tribunais fascistas os membros do nosso Partido nunca entram nem entram em compromissos! Os comunistas não lhes reconhe-

cem qualquer autoridade para julgar a sua acção política.

Quando os comunistas falam no tribunal, as suas palavras não se dirigem aos juízes que têm na sua frente, mas ao Partido e ao povo. Inúmeras vezes os comunistas utilizaram o banco dos réus como uma tribuna de onde defendem a política do Partido, de onde desmascaram os crimes do governo fascista, de onde mostram ao povo que os comunistas são os mais consequentes defensores dos seus interesses. Maltratados, torturados, fisicamente abatidos, muitas vezes gravemente enfermos, os comunistas apresentam-se nos tribunais cheios de confiança e altivez. De acusados tornam-se temidos acusadores. A voz dos comunistas que se ergue nos tribunais tem o particular poder de persuasão que resulta do facto de vir de alguém que o inimigo manietou e procura amordaçar, de alguém que passará muitos anos de cadeia e aí poderá morrer por defender os seus ideais.

Os juristas democráticos portugueses, perseverantes, corajosos, incansáveis, têm defendido os comunistas acusados. Mais de uma vez têm pago com a prisão o cumprimento do seu dever de defensores honrados. Não conseguem em geral minorar a condenação. Mas com a sua ajuda, alcança-se o objectivo fundamental: desmascara a «legalidade» fascista, as arbitrariedades dos tribunais, à natureza tirânica do regime. Neste sentido, a defesa jurídica torna-se também uma defesa política.

Nos anos de 1936 e seguintes, eram frequentes as deportações sem julgamento e os julgamentos sem a presença dos acusados. Como utilizar o processo e o julgamento para elevar a voz em defesa da política do Partido? Bento Gonçalves, secretário-geral do Partido, como não fosse autorizado a comparecer no tribunal, enviou da prisão por escrito a este uma «Contestação». Bento foi deportado para o campo de concentração do Tarrafal, onde morreu em 1942, vítima dos maus tratos dos carcereiros fascistas. Mas a sua «Contestação», em que defende com brilho a política do Partido, chegou ao Partido, foi impressa clandestinamente, divulgada, e ainda hoje é citada como um exemplo de defesa num tribunal fascista. O exemplo de Bento Gonçalves foi e é seguido por muitos camaradas que dirigem ao tribunal uma contestação ou uma carta, que depois serve como um instrumento de agitação e educação.

Nos anos de 1945 e seguintes a derrota do fascismo na segunda Guerra Mundial e o ascenso do movimento democrático português obrigaram o governo de Salazar a procurar temporariamente uma máscara de legalidade para a sua justiça. Os tribunais especiais mudaram de nome. A comparência dos acusados no julgamento passou a ser corrente. Aproveitando com audácia as novas condições e

apanhando de surpresa o inimigo, muitos lutadores pela liberdade do povo português souberam transformar o banco dos réus numa tribuna e fazer daí discursos acusadores.

Recomposto da surpresa, o governo ordenou aos juizes medidas draconianas. Desde então os juizes impedem que os comunistas acusados falem, cortam-lhes a palavra, fazem-nos expulsar da sala quando insistem. Apesar dessas difíceis condições, os comunistas não se calam. Quando expulsos à força da sala, como tem sucedido em dezenas de casos, eles gritam ainda nas suas últimas palavras a confiança no Partido, eles acusam ainda o governo fascista, a sua política, os seus órgãos repressivos, os seus tribunais.

O operário agrícola António Gervásio, como um exemplo entre muitos, foi espancado na própria sala do Tribunal. Expulso da sala sofreu novos brutais espancamentos e castigos. António Gervásio não pôde dizer muitas palavras no tribunal. Mas a sua atitude e as suas palavras acusadoras foram largamente conhecidas.

Uma tal orientação exige dos militantes que ponham sempre a defesa do Partido acima da sua defesa pessoal. Não é uma atitude nova na sua vida. Com a sua firme conduta ante o tribunal, o comunista é coerente com os riscos e sacrifícios que aceitou desde o momento em que aderiu a um partido clandestino ferozmente perseguido. A prisão só fisicamente afasta o comunista dos seus camaradas. Na prisão o comunista continua «no activo», continua a servir a sua causa. Ele tem plena consciência de que ante a polícia, na prisão, no tribunal, a luta continua. A prisão, as torturas, as condenações nos tribunais, o terror e os assassinatos, não poderão cortar o passo à marcha vitoriosa das forças do progresso.

A força moral dos comunistas resulta da justiça da sua causa, dos luminosos ideais do marxismo-le-

ninismo. Nas mais difíceis condições de luta os comunistas foram sempre animados pela certeza de que o futuro lhes pertence; de que embora talvez ainda distante nos seus países, a causa do comunismo acabaria por triunfar. «A sua queda (da burguesia — A. C.) e a vitória do proletariado são inevitáveis», proclamava o Manifesto Comunista em 1848. A história mostrou que os comunistas tinham razão para ter confiança. Na União Soviética constrói-se velozmente o futuro luminoso da humanidade — o comunismo. O sistema socialista mundial, principal conquista do movimento internacional da classe operária, estende-se do sueste da Ásia à Europa Central e levanta um primeiro bastião em terras da América. Rui o sistema colonial e libertam-se povos ainda há pouco condenados à servidão. «A época actual (proclama o Manifesto Comunista da nossa época, o Programa do P.C.U.S.), cujo conteúdo essencial é a passagem do capitalismo ao socialismo, é a época da luta de dois sistemas sociais opostos, das revoluções socialistas e das revoluções de libertação nacional, da derrocada do imperialismo, da liquidação do sistema colonial, é a época em que novos povos entram na via socialista, a época do triunfo do socialismo e do comunismo à escala mundial».

A luta pela libertação do jugo do imperialismo, pela construção do socialismo e do comunismo é um longo processo revolucionário. Nos países capitalistas são ainda exigidas aos comunistas provas de abnegação e heroísmo. Nesses países os comunistas não lutam hoje por um futuro distante, mas por um futuro que é já o presente para um terço da humanidade e que em breve o será também para os seus próprios povos.

Os comunistas portugueses continuarão a cumprir o seu dever internacional, quaisquer que sejam as provas que sejam chamados a prestar.

MELHOREMOS O TRABALHO PARTIDÁRIO NAS FORÇAS ARMADAS

Em Janeiro haverá nova incorporação de recrutas. Milhares de jovens serão chamados às fileiras das forças armadas, para irem defender de armas na mão a criminosa política salazarista.

É preciso que os jovens comunistas ou simpatizantes, os jovens anti-fascistas, não se encontrem isolados ao entrar na vida militar; todo o jovem anti-fascista chamado às fileiras deve ser credenciado, de modo a ficar em ligação com a organização patriótica no seio das forças armadas.

O dever de todas as organizações e de todos os militantes do Partido é procurar saber quem vai ser incorporado e tomar medidas para que sejam feitas rapidamente as respectivas credenciais.

Para que haja em todo o Partido uma boa compreensão da importância desta tarefa, para que se ponha termo ao desinteresse que ainda predomina em certos sectores do Partido a este respeito, é necessário que se trave discussão política sobre o valor do trabalho anti-fascista nas Forças Armadas. Se todos os camaradas compreenderem a importância do trabalho militar para a luta pelo derrubamento do salazarismo, poderemos rapidamente vencer as deficiências existentes neste sector da luta.

O TRABALHO MILITAR



ALGUMAS REGRAS CONSPIRATIVAS

Para um levantamento nacional vitorioso, o problema das forças armadas adquire particular importância. É perigosa fantasia pensar que um movimento popular, por muito vasto e poderoso que seja, pode provocar o derrubamento da ditadura fascista, se as forças armadas mantêm a sua coesão, unidade e combatividade ao serviço do governo fascista.

«O militarismo — ensinou Lênine — não pode, em circunstância alguma, ser vencido e destruído, senão pela luta vitoriosa duma parte do exército nacional contra a outra parte» (Conferência sobre a Revolução de 1905)

A ditadura fascista, essencialmente militarista, não pode ser derrubada, se uma importante parte das forças armadas não a abandona, se uma importante parte dessas forças não passa para a Oposição e se uma outra importante parte não acusa vacilações que impeçam a sua utilização pelo governo fascista.

O descontentamento nas forças armadas, o esclarecimento político de sectores importantes dessas forças, a organização democrática e partidária de oficiais, sargentos e soldados, a determinação duma parte para apoiar a participação no movimento nacional contra a ditadura fascista e a resistência de outra parte a servir para jugular tal movimento, são condições para um levantamento nacional vitorioso.

Quem pense dirigir um movimento vitorioso contra a ditadura fascista não pode limitar-se em confiar, em abstracto, nas futuras oscilações ou defecções nas forças armadas do inimigo. Tem que desenvolver um trabalho sistemático, perseverante e audacioso de organização e agitação para a conquista de fortes posições nas forças armadas. Não se pode contar com que uma parte do exército, da marinha e demais forças se decidam espontaneamente a acompanhar o movimento popular. Conduzir um movimento popular a acções decisivas contra a ditadura contando com essa espontaneidade seria entregar os combatentes populares à fúria repressiva do inimigo. A actividade de organização e agitação nas forças armadas é uma tarefa de primordial importância para a condução dum movimento popular vitorioso contra a ditadura fascista.

Essa actividade de nenhuma forma deve ser guiada pela ideia de que caberá às forças armadas dar um golpe para derrubar a ditadura. Deve sim ser guiada pela ideia de que um levantamento popular suficientemente poderoso para derrubar a ditadura fascista tem de contar com a participação duma importante parte das forças armadas. Com esse trabalho não é um golpe militar que se tem em vista, mas assegurar a vitória ao movimento popular, criar condições para um levantamento nacional vitorioso.

(De «O desvio de direita no Partido Comunista Português nos anos de 1956-1959»)

1.º Nenhum camarada pode dizer-se membro do Partido ou falar das suas tarefas a não ser autorizado pelo organismo de que faz parte ou pelo controlador da sua actividade partidária.

2.º Nenhum camarada pode falar de outros camaradas ou simpatizantes ou das suas tarefas a não ser autorizado pelo organismo de que faz parte ou pelo controlador da sua actividade partidária.

Se não podemos falar de nós, com mais razão não poderemos falar de outros. É evidente que, quando fazemos um recrutamento, teremos de falar na nossa qualidade de membro do Partido, mas o que é inadmissível, o que é um grave erro conspirativo, é falarmos nos nomes de outros camaradas com o objectivo de facilitar o recrutamento.

3.º Nenhum camarada pode transportar ou guardar escritos que, uma vez apanhados pelo inimigo, levem à localização de camaradas ou simpatizantes ou dêem qualquer informação inconveniente para o Partido.

A utilização de cifras para escrever alguma informação que não pode ser conservada tal qual, deve ser muito cuidada, em virtude de ser vulgar o uso de processos facilmente decifráveis.

4.º Todos os contactos e reuniões partidárias devem ser cuidadosamente combinados e realizados de modo a assegurar o seu segredo e o segredo das discussões travadas.

Isto significa que os encontros e reuniões do Partido não se dão quando o acaso os possibilita, e em quaisquer condições. Devem ser combinados de modo a ter-se a certeza de que se fazem sem o conhecimento dos inimigos nem a possibilidade da sua interferência. É também muito mau que os camaradas andem constantemente uns com os outros, constituindo um grupo.

5.º Nos encontros e reuniões do Partido deve ser inicialmente combinado o minuto conspirativo.

Isto é, deve ficar assente entre todos os participantes uma explicação simples e aceitável que deve ser dada ante qualquer interferência externa ao Partido.

6.º A distribuição da imprensa partidária exige cuidados especiais para nos assegurarmos de que ninguém se aperceba. A imprensa partidária deve ser lida e guardada em locais seguros.

7.º Todos os membros do Partido devem exercer uma vigilância constante ante a acção dos inimigos, de modo a impedir a sua infiltração e as suas provocações.

Isto significa que não podemos ser ligeiros nas nossas apreciações sobre as pessoas que mal conhecemos, que devemos estar sempre atentos à acção dos provocadores e espiões, etc.

(dum artigo do «Militante» n.º 105)

a vida das células de empresa



A LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS NA FÁBRICA X.

Há tempos, os operários da importante empresa X conseguiram um aumento geral de salários. Como foi conduzida a sua luta?

A organização do Partido dentro da empresa era pouco numerosa, mas a sua influência era grande e a célula encontrava-se bem ligada aos operários, pois tinha membros nas principais secções.

Havia já algum tempo que o Secretariado da célula vinha conduzindo a luta por aumento de salários, tendo começado pelas formas mais simples. Após os primeiros pedidos de aumento levados a efeito numa base individual, primeiramente, e numa base de secção, depois, e que foram prontamente recusados pela gerência com a resposta «quem não estiver bem, muda-se», sob a orientação do secretariado da célula os operários começaram a reduzir a produção, fazendo «cera». Esta medida provocou da parte da gerência a aplicação de castigos e multas, mas isso não refreou o desejo de luta dos operários.

Hora a hora, dia a dia, os membros da célula nas suas secções e com a ajuda de operários que embora não fossem membros do Partido tinham grande influência, iam esclarecendo os seus companheiros, forjando ainda mais a sua unidade. Grande parte da empresa estava já ganha para acções de maior envergadura.

E um dia, quando os operários entraram nos balneários encontraram estes inundados de tarjetas, chamando-os à unidade e à luta, desmascarando os laiaos dos patrões e toda a sua demagogia. Estas tarjetas, e a forma como foram espalhadas numa parte da

empresa em que a vigilância era grande, foram recebidas com júbilo pela grande maioria dos operários.

Toda essa semana, o secretariado de célula provocou discussões com grupos de operários de todas as secções. Esclareceu as suas dúvidas e ouviu as suas opiniões, traçando em seguida a orientação a seguir: concentração geral na gerência encabeçada pelos operários mais qualificados de todas as secções.

No sábado seguinte, a célula bem fundida na massa operária conduziu a concentração, a qual, pela maneira como foi preparada

e conduzida, colheu de surpresa, quer o patronato, quer os seus próprios laiaos e encarregados, pois a hora da concentração era do conhecimento apenas de reduzido grupo de operários, que nas várias secções dirigiam a luta, e que gozavam de autoridade entre os restantes trabalhadores.

E foi estupefacto que o patrão viu entrar pelos corredores enchendo todas as dependências, aquela massa de operários que lhe exigia aumento geral de salários. Perante a sua firmeza, unidade e organização, a gerência cedeu, concedendo aumento geral. A vitória foi completa.

Mas ela só foi possível porque existia na empresa uma organização do Partido a conduzir e guiar os operários, desde o início da luta. Uma organização que tinha membros em todas as secções da empresa, e cujos componentes eram reconhecidos pelos outros como operários sérios, firmes e dedicados à sua classe. Essa organização era a célula de empresa, tendo à sua frente o organismo dirigente, o Secretariado de Célula

ESTRUTURAR A CÉLULA

Ainda não há muito tempo, em determinada empresa com centenas de operários, a organização do Partido não ia muito além de uma dezena de militantes. Apenas um camarada estava em contacto com o controleiro. Esse camarada não tinha atrás de si qualquer trabalho organizado. Era ele que levava e distribuía a imprensa a cada membro da organização e recolhia os fundos. Todo o trabalho assentava nesse camarada e os restantes limitavam-se a pagar a cotização e a ler a imprensa do Partido. Como não podia deixar de ser, com este tipo de trabalho, o camarada era conhecido por todos os membros do Partido dessa empresa e, com a preocupação de não ser conhecido por mais operários, não recrutava ninguém e a organização não avançava.

Posto o problema à discussão, verificou-se que para o progresso do trabalho partidário na empresa,

era necessário estruturar a célula.

E assim se fez. A partir daí o número de membros do Partido nessa empresa quase triplicou. Mas isso só foi possível porque a célula de empresa tem o seu secretariado e alguns núcleos e, o citado camarada apesar da organização do Partido ser maior, tem menos camaradas a conhecê-lo numa base partidária e deixou de distribuir a imprensa porque foi destacado um outro camarada para essa tarefa.

No entanto, muito há ainda a fazer. É necessário que o secretariado de célula e os núcleos reúnem regularmente. É necessário fazer da célula uma verdadeira organização que conduza um trabalho de massas e não um simples grupo de camaradas. É necessário que a célula em estreita ligação com os restantes operários estude a situação do pessoal da empresa, as suas reivindicações e os dirija na luta.